



XIII Congresso de ECOLOGIA

III International Symposium of Ecology and Evolution

Múltiplas ecologias: evolução e diversidade

08 a 12 de outubro de 2017 • UFV - VIÇOSA | MG

TESTANDO O RIO DOCE COMO BARREIRA GENÉTICA PARA A ESPÉCIE *AECHMEA BLANCHETIANA* (BAKER) L.B.SMITH.

Gabriela Ferreira de Andrade¹, Izabela Ferreira Ribeiro^{1*}, Lucimara Cruz², Luis Fernando Tavares de Menezes¹, Fábio Demolinare de Miranda², Andreia Barcelos Passos Lima Gontijo¹

1. Departamento de Ciências Agrárias e Biológicas, Centro Universitário Norte do Espírito Santo (CEUNES/UFES), São Mateus, Espírito Santo, Brasil. 2. Departamento de Biologia, Centro de Ciências Exatas Naturais e da Saúde (CCENS/UFES), Alegre, Espírito Santo, Brasil. *Correspondência: izabelafribeiro@gmail.com

Tema/Meio de apresentação: Filogeografia/Pôster

A espécie *Aechmea blanchetiana* (Baker) L. B. Smith. é endêmica do bioma Mata Atlântica e dos estados da Bahia e Espírito Santo. No Espírito Santo a espécie apresenta uma distribuição na faixa litorânea, onde existe a presença do Rio Doce. Darwin e Wallace foram os primeiros a propor que a distribuição geográfica e genética de uma espécie pode ser determinada pelos rios, sendo estes considerados um fator responsável por impedir o fluxo gênico entre indivíduos. Com intuito de testar o Rio Doce como barreira genética para *A. blanchetiana* foi analisado a diversidade genética de seis populações da espécie ao longo do litoral, e a análise de variância molecular (AMOVA) foi testada levando em consideração a possibilidade ou não do rio atuar como barreira para diversidade genética da espécie. Assim, as áreas foram separadas em dois grupos, o Parque Estadual de Itaúnas, Guriri, Reserva Natural Vale e Linhares formaram o grupo 1 e as áreas Reserva Biológica de Comboios e Regência formaram o grupo 2. A AMOVA indicou a existência de uma diversidade genética mais alta dentro das populações (79,1%) em relação aos valores entre os grupos (1,18%) e entre as populações dentro dos grupos (19,6%). A baixa diferenciação genética encontrada entre os grupos indica uma baixa estruturação genética e um alto fluxo gênico, demonstrando que as áreas do grupo 1 e as áreas do grupo 2 são geneticamente muito similares. Como apresentado, o maior percentual de diversidade genética foi encontrado entre indivíduos dentro das populações e não entre os grupos, refutando assim a hipótese do rio Doce atuar como barreira biogeográfica que impede as trocas alélicas e diferencia geneticamente as populações de *A. blanchetiana* separadas geograficamente por este rio Doce.

A FAPES, CAPES e a UFES pelo apoio financeiro e logístico e ao IEMA E SISBIO pelas licenças.